

Educação física e jogos cantados:

uma estratégia lúdica para o desenvolvimento sócio-afetivo de crianças portadoras de paralisia cerebral em idade escolar

Vagner Sérgio Custódio
Paulo Roberto Brancatti

Como citar: CUSTÓDIO, V. S.; BRANCATTI, P. R. Educação física e jogos cantados: uma estratégia lúdica para o desenvolvimento sócio-afetivo de crianças portadoras de paralisia cerebral em idade escolar. *In:* MANZINI, E. J.; BRANCATTI, P. R. (org.). **Educação Especial e Estigma:** corporeidade, sexualidade e expressão artística. Marília: Unesp Marília Publicações, 1999. p. 95-110. DOI: <https://10.36311/1999.978-85-86738-07-7.p95-110>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

EDUCAÇÃO FÍSICA E JOGOS CANTADOS: UMA ESTRATÉGIA LÚDICA PARA O DESENVOLVIMENTO SÓCIO-AFETIVO DE CRIANÇAS COM PARALISIA CEREBRAL EM IDADE ESCOLAR¹

Vagner Sérgio CUSTÓDIO²

Paulo Roberto BRANCATTI³

Uma das preocupações da educação especial é desenvolver o aspecto cognitivo e *escolarizar* o aluno especial. Porém, aspectos como físico, psíquico, psicomotor e sócio-afetivo têm relevância significativa e devem ser considerados. Esses aspectos interferem e interagem com o cognitivo, colaborando para a educação numa perspectiva diferente, permitindo a integração do deficiente na sociedade, visando um desenvolvimento qualitativo das condições de vida do portador de deficiência em todos os aspectos.

De todos esses aspectos citados, podemos notar que o mais difícil de ser trabalhado é o fator sócio-afetivo, pois envolve o educador, que também necessita de uma estrutura afetiva capaz de suportar uma relação de corpos livres com seus alunos, fora dos hábitos estereotipados da sala de aula, onde o aluno normalmente fica em uma carteira, sentado, em uma posição passiva, sem movimento e com pouco liberdade e forma de expressão, e sem poder se expressar afetivamente.

O que nos aparenta é que alguns profissionais que trabalham com educação especial, até certo ponto, têm feito *vistas grossas* sobre esse aspecto, encarando-o como sendo um problema. Em contraponto existem vários trabalhos

¹ Trabalho de Pesquisa apresentado ao Curso de Especialização em Educação Especial - Unesp - Presidente Prudente. Unesp/Capes/ Proesp (1997/1998).

² Professor de Educação Física da rede Pública Estadual.

³ Docente do Departamento de Educação- Faculdade de Ciências e Tecnologia - Unesp - Campus de Presidente Prudente e orientador da pesquisa.

sobre sexualidade do deficiente, mas que (muitas vezes) se limitam somente em orientar o aluno deficiente para que ele possa exercer sua sexualidade de uma maneira *sociável*, esquecendo que a sexualidade é um dos aspectos da afetividade, portanto, impossível de desenvolvimento isolado.

Isso, a nosso ver, traz um caráter paliativo, não intervindo profundamente na dificuldade do deficiente em demonstrar sua afetividade e sexualidade.

Aliás, essas orientações têm sido feitas geralmente de uma maneira chata e enfadonha, na qual aluno deficiente, não incorpora a orientação, que, por sua vez, não consegue atingir o seu objetivo que é promover um processo de ruptura, levando a mudanças de comportamento em relação a sua sexualidade e a do seu parceiro.

Essas questões foram palco para o presente estudo, cujo objetivo foi desenvolver um programa que auxiliasse os profissionais da Educação Especial, principalmente os que trabalham com deficiente físico, mais especificamente com os portadores de paralisia cerebral, a utilizar de atividades como, jogos cantados, brincadeiras de rodas e brinquedos populares para atingir os processos afetivos, numa perspectiva lúdica e prazerosa, e conseqüentemente, desenvolvesse aspectos correlacionados a afetividade, sexualidade e corporeidade que é comprometida e carregada pelo julgamento social e estigma que norteiam as deficiências.

Desenvolvimento sócio-afetivo e educação

Podemos afirmar que se nossas crianças tivessem durante a fase escolar uma educação que abordasse o aspecto sócio-afetivo com o mesmo enfoque do aspecto cognitivo, provavelmente, não teríamos tantos casos de transtornos mentais. Segundo a Organização Mundial de Saúde D.S.M. (1992) atualmente 1% da população sofre de esquizofrenia que, dos transtornos mentais, é o mais incapacitante com um prognóstico de doença crônica, e requer um tratamento demorado e normalmente com internações. Isso significa que só no Brasil existem 1.300.000 esquizofrênicos, segundo dados do Ministério da Saúde (1995). Um

terço dos leitos hospitalares brasileiros estão sendo ocupados por pacientes psiquiátricos e a tendência é que até o ano 2000 isso alcance 50% das internações.

Infelizmente, o sistema educacional não está auxiliando plenamente o desenvolvimento de nossas crianças de uma maneira global. O sistema esbarra na dificuldade de a escola conviver com alunos que desejem liberdade de expressão, movimentação, exibir conteúdos afetivos, buscar a compreensão da sexualidade, corporeidade e sociabilização. Podemos ver que o nosso sistema educacional está viciado em trabalhar com alunos imóveis na sala de aula numa visão empirista na qual o professor detém o conhecimento e os alunos são submetidos a aceitarem tudo de maneira imposta tendo como princípio a disciplina, não no sentido de componente curricular, mas no sentido de militarização da escola, obedecendo a hierarquias e reproduzindo e ajudando a manter a sociedade dessa mesma maneira, sem promover um processo de ruptura que caracteriza uma educação progressista e transformadora.

Mas mesmo na escola militarizada existem componentes curriculares que poderiam prestar-se a desenvolver esses aspectos importantes para formação da personalidade das crianças. Esses componentes seriam as disciplinas: educação física, educação artística, música, e ensino religioso que, apesar de terem sido implementadas na grade curricular com o objetivo de disciplinar os alunos, podem auxiliar com liberdade de expressão através das diversas formas sócio-culturais. Porém, hoje, esses componentes curriculares, principalmente a educação física e a educação artística, que ainda estão na grade curricular da rede oficial de ensino do Estado de São Paulo, só ainda existem por que se prestam ao papel de tentar desenvolver nos alunos hábitos de lazer *saudáveis* como os esportes e as artes, contrapondo-se a hábitos como o alcoolismo, consumo de drogas e a prostituição.

Assim, o sistema educacional esta infectada pela militarização, no qual o professor não está preparado para trabalhar com seus alunos numa perspectiva lúdica, prazerosa, com liberdade de movimento e expressão, podendo colocar a flor seus sentimentos, emoções e afetividade.

O que ocorre atualmente é que essas aulas são, até certo ponto, mais chatas e desorganizadas que das outras disciplinas, no caso específico da educação física, ela está totalmente voltada ao esporte, que têm como exemplo o esporte de

alto nível que fugiu do objetivo principal a qual foi criado na Inglaterra onde era praticado pela aristocracia e tinha como finalidade o *Fair play* que nada mais é senão o jogo limpo, o cavalheirismo, o companheirismo, a amizade e a união sobre um determinado objetivo.

O que aconteceu é que o esporte passou a ser mercadorizado, sendo atualmente a segunda fonte de renda dos EUA perdendo somente para a indústria automobilística que também depende do esporte para vender seus automóveis.

Com a mercadorização o *fair play*, foi substituído pelo *vencer a qualquer custo*, mesmo que para isso tenha que agredir, machucar, brigar, discutir, até mesmo matar o companheiro adversário, é o *vale tudo*. O esporte deixou, então, de colaborar para a sociabilização e desenvolvimento afetivo e passou a exercer o papel das arenas do Império Romano, quando os cristãos eram jogados para lutarem com leões, iludindo o povo, e dando suporte para a política do *pão e circo*. A barbaria então passou a tomar conta de nossos campos de futebol, o esporte passou a ser uma válvula de escape das pressões que sofremos no dia a dia, mas o pior de tudo isso é que quando vamos praticar nossa atividade esportiva, com nossos amigos, com a finalidade de lazer, inconscientemente reproduzimos toda essa ideologia do esporte de alto nível, brigando, agredindo, e sendo agredido, machucando e sendo machucado. Resumindo, aquele momento que poderia servir para relaxamento e descontração promovendo a amizade, o companheirismo, e a afetividade, passa a ser algo pior que o nosso trabalho estafante, estressante, chato, local onde, muitas vezes, criamos inimizades.

O que é mais grave, é que a Educação Física Escolar tem incorporado esse esporte bárbaro, praticando-o numa visão competitivista, e alienada ao processo pedagógico da escola, restringindo-se a prática esportiva sob uma visão destrutivista, ou seja, tem sido uma disciplina irrelevante e sem objetivos precisos do que está sendo desenvolvido no aluno.

O professor de educação física deve ter cuidado ao escolher suas abordagens. Deve ser respeitado o aluno, sua individualidade, seu sexo, sua faixa etária. O que temos visto é que nós professores, principalmente de Educação Física, estamos tratando nossos alunos sem objetivos claros, normalmente resumindo sua função em administrar o escasso material esportivo da escola, fornecendo

bolas ou algum outro material, se negando a dar aula, e privando o aluno de ter uma rica experiência educacional através do movimento.

Podemos, então, chegar a uma triste conclusão, que a Educação Física que vem sendo trabalhada nas escolas, além de ser irrelevante nos aspectos cognitivo, e psicomotor, tem se prestado ao papel contrário no aspecto sócio-afetivo, ao invés de sociabilizar, segregar, ao invés de integrar, reforçar o estigma sob uma visão eugenista de buscar o ser ou o atleta perfeito, que traga performance esportiva, resultados imediatos e faça o professor ficar famoso, pois infelizmente ainda os professores tidos como sendo os melhores, são aqueles que conseguem resultados expressivos com seus alunos nas competições oficiais, mesmo que seu trabalho não tenha nada a ver com a proposta pedagógica da escola.

Essa visão eugenista é a mesma que sustentava o nazismo de Adolf Hitler, mas que hoje é transmitida de maneira sutil pelos meios de comunicação, através do que Codo (1990) chama de corpolatria, ou seja, a adoração ao corpo ou o culto ao corpo.

Diariamente nos deparamos com frases e slogans promovido por cartazes out-doors, rádio e televisão como *agita galera; dia da comunidade ativa; esporte não é droga pratique; esporte para todos; esporte é vida* etc. Essas afirmações dão suporte a uma vertente da educação física chamada de Educação física para promoção da saúde e melhoria da qualidade de vida, que tem como objetivo criar nas pessoas o hábito saudável da prática de atividades físicas regulares como meio de se promover a saúde da população que segundo a Organização Mundial da Saúde (1988) é o bem estar físico, mental e social do indivíduo, que gera melhoria na qualidade de vida da população.

É o mesmo higienismo apregoado por Rui Barbosa, mas agora com um respaldo científico e estatístico que são os elevados índices de casos de doenças degenerativas, ou seja, doenças causadas por hábitos de vida agressivos a saúde como a tabagismo, alcoolismo, estresse, toxicomania, alimentação rica em gorduras e colesterol e, principalmente, o sedentarismo, principal causa da arteriosclerose que é, atualmente, segundo SES/CVE (1993) a segunda causa de morte entre a população, perdendo somente para os acidentes de trânsito.

Essa visão seria louvável se não estivesse infectada pela corpolatria, ou seja, uma ideologia que busca levar às pessoas um comportamento de cultuar o corpo como forma de se sentir mais saudável, pois atrás desse discurso de qualidade de vida está embutida uma idéia de que as pessoas precisam realizar atividades físicas como meio de melhorar sua auto-imagem e, conseqüentemente, sua auto-estima.

O grande problema é que essa imagem corporal é ditada como sendo um padrão de beleza pelo qual pessoas são sutilmente obrigadas a se enquadrar para poder sentir-se seduzidas e para poderem seduzir.

Esse padrão muda conforme meio social, cultura e tempo. Na era Vitoriana da Roma Antiga, por exemplo, o padrão de beleza para as mulheres era a obesidade, podemos constatar isso nos quadros de obras de arte da época. A expectativa era que as mulheres precisariam ser fortes, obesas para poderem parir crianças também fortes, guerreiras, aptas a guerrear nos conflitos medievais. Esse padrão foi mudando até chegar nos dias de hoje, que enfatiza um padrão de corpo atlético para os homens, com músculos definidos, sem barriga e, para as mulheres, um corpo escultural, sem gorduras localizadas. Isso faz com que as pessoas corram para os clubes e academias para conseguirem desenvolver seus corpos e assim sentirem-se mais sedutores e mais seduzidos, ou seja, buscarem uma vida sócio-afetivo e sexual ativa e feliz.

Assim, aquelas pessoas que não conseguem chegar a esse padrão corporal são discriminadas, gerando um estado de frustração e, como conseqüência, um rebaixamento em sua auto-estima, fazendo as achar que são incapazes de poderem seduzir alguém ou terem uma vida sexual de qualidade. É o caso dos obesos, anoréxicos, raquíticos, anões, e os deficientes que devido aos seus comprometimentos, não conseguem obedecer essa ditadura corporal.

No caso dos deficientes físicos, mais especificamente os portadores de paralisia cerebral, isso se torna mais latente, pois é uma deficiência corporal visível, que foge totalmente do padrão de corpo ditado pela sociedade e, como o desvio é notório, o estigma é mais acentuado, provocando distúrbios afetivos.

O mais grave é que o deficiente, principalmente o mental, apesar de *socialmente* ser-lhe vedado o ter direito a uma vida sexual ativa, pode ser considerado como sendo um tarado ou maníaco sexual, por se masturbar perto de outras pessoas. Essa visão não leva em conta que tanto o aluno deficiente como o não deficiente se masturbam. A diferença está que o aluno tido como normal pratica esse ato dentro de um banheiro, pois foi orientado para isso. Já o aluno deficiente, como tem sua sexualidade negada por todos, não recebe nenhum tipo de orientação e, quando começa a manifestar seus impulsos sexuais de maneira pública, sem pudor, é tido como sendo tarado ou maníaco sexual.

Isso começa na própria casa e passa pela esfera da escola onde-lhe é negado o direito a falar. Essa falta de liberdade de expressão provoca nas pessoas uma revolta intensa e levando-as a demonstrar atitudes de rebeldia e até agressividade. Quando isso acontece logo chamamos o nosso aluno deficiente de agressivo, rebelde, atribuindo, erradamente, à deficiência a causa desse tipo de comportamento.

Atribuo esse comportamento como sendo um mecanismo de defesa do portador de deficiência em relação ao mundo que não respeita suas idéias e os coloca em condição de descrédito social e psicológico. Muitas vezes nosso aluno deficiente está demonstrando um comportamento rebelde e agressivo não como forma de hostilidade, mas como único meio de se colocar em evidência, ou seja, a única maneira que lhes sobra para ser notado: a rebeldia. O professor tem que ter isso bem claro ao trabalhar com portadores de deficiência, e isso deve ser trabalhado não somente com os alunos, mas também com os familiares, que normalmente reforçam e reproduzem esse esquema vicioso que acaba com relacionamentos afetivos de pessoas que necessitam de cuidados especiais e que, normalmente, se apegam muito às pessoas que as respeitam, enquanto cidadão pensante, crítico e participativo. Portanto devemos educar para transformar e transformar para melhorar.

Jogos cantados, brincadeiras de rodas e brinquedos populares num enfoque afetivo

O comportamento lúdico é uma esfera inata do ser humano. Ninguém estudou tanto esse tema a fundo como Klein (apud, Simon, 1978) autora de livros como *A psicanálise da criança*, que eternizaram sua teoria sobre o crescimento e desenvolvimento emocional nas crianças. Essa autora foi a precursora da ludoterapia, que pode ser definida como uma técnica terapêutica baseada em atividades lúdicas das crianças para interpretar atitudes relacionadas a seu desenvolvimento sócio-afetivo e psicológico, funcionando como uma forma de *associação livre* que traz em seu conteúdo um rico material para ser analisado a luz da psicanálise.

Klein (apud Simon, 1978) utilizou-se das teorias de Freud, adaptando-as ao contexto infantil. Mas tanto para Freud como para Klein, se observarmos somente suas conclusões, vamos achá-las absurdas e até mesmo escandalosas. Exemplo disso é a descrição que Freud faz sobre a criança: é um malvado polimorfo, que tem impulsos parciais de afetividade e de agressividade, que ainda estão desorganizados, que ainda não formou sua personalidade. Freud desmistifica a figura angelical das crianças. Outras frases como a de Klein, escandalizam: o que impulsiona a criança a brincar é uma pulsão que, através das brincadeiras, descarrega suas fantasias masturbatórias. Essas afirmações chocaram uma sociedade que via a criança como ser inóceno que somente na fase adulta se transvestiria de malícia, maldade, agressividade, etc. Mas na verdade, essas conclusões são fruto de um árduo estudo clínico que para Klein durou cerca de 40 anos.

Klein (apud Lemon, 1978) para elaborar sua técnica terapêutica, sistematizou uma intuição da doutora Hug Hellmuth, contemporânea de Klein, que dizia que:

As diferentes operações que as crianças fazem durante os seus jogos são o equivalente infantil das associações livres do adulto. Da mesma maneira, ao alargar esta mesma intuição, os desenhos de criança são reveladores das suas representações, das suas obsessões, dos seus fantasmas (Lemon, 1978, p. 92).

Por exemplo, uma criança brincando com cubos ou um carrinho e uma menina vestindo ou tratando de uma boneca, acariciando-a ou destruindo-a, entrega a análise um material que depois de interpretado nos permite chegar às representações inconscientes da criança para com os pais ou para com seu próprio corpo.

Para Freud, em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, o Complexo de Édipo instala-se na criança de três a cinco anos. Klein (apud Simon, 1978) diz que essa pulsão para agressividade acompanha a criança desde muito antes dizendo:

É desde a origem que se manifestam no lactente impulsos cruéis, agressivos: desejos de morder, de cortar, de rasgar de destruir, de sujar. Desde a origem a criança dá mostra de impulsos sádicos para com o seio da mãe que ela gostaria de despejar, esgotar, destruir como sendo um mau seio que lhe recusa toda a satisfação que ela deseja. (Simon, 1978, p. 93)

Podemos dizer que Klein transforma a criança Édipo que Freud representou, pela Criança-lobo, visto que o lobo é uma figura que simboliza a agressividade, maldade, podemos ver isso nos contos de fadas de *Chapeuzinho vermelho* e *Os três porquinhos*, nos quais o lobo simboliza a maldade, além de possuir um símbolo fálico, de possuir órgãos grandes simbolizados com a frase *mas que boca tão grande, é prá te comer melhor*.

Bem, mas essa definição da criança lobo, só corresponde a meia verdade, pois a mesma criança que transmite esses impulsos sádicos, também transmite fortes impulsos amorosos que a levam a amar os bons objetos. Que para Klein (apud Simon, 1978) possuem um sentido muito mais amplo do que objetos concretos como brinquedos, lápis, caneta, mamadeira, chupeta, etc, para Klein objeto é tudo que afeta a vida afetiva da criança podendo estar no seu próprio corpo ou no corpo da mãe, ou do pai. Entre esses objetos alguns saem do corpo, por exemplo, a urina, as fezes, e podem então entrar num outro corpo quer seja para lhe fazer bem, se é um bom objeto como o leite materno ou para fazer mal como, por exemplo, a urina e os excrementos que talvez justifiquem as expressões vulgares utilizadas pelos adultos para exprimirem ódio através dos excrementos.

Para Klein (apud Simon, 1978) existem os bons e os maus objetos que assombram o mundo fantasmagórico da criança, expressão utilizada para explicar o universo de fantasia em que a criança está inserida. Os impulsos agressivos a criança dirige contra os maus objetos, que são fontes de angústia para ela, porque receia ser também maltratada e contaminada pelos maus objetos do outro. Já os seus impulsos amorosos são fonte de alegria e de segurança.

É para reencontrar esta segurança que sente a necessidade de reparar o que destruiu ou estragou no corpo da mãe ou no seu próprio corpo. Deste modo, as manifestações sutis de afeto para com a mãe podem produzir fantasmas de agressão e tem este valor de condutor de reparação a fim de que a criança encontre a paz e a segurança da boa mãe, o que terá como resultado reduzir a sua angústia.

O interessante na obra de Klein (apud Simon, 1978) é que ela encara o mundo imaginário da criança, não como sendo algo tranquilizador de um bebê adormecido nos braços de sua mãe, cheia de graça, frescura e ternura, mas sim como uma vida ativa cheia de impulsos e reações de defesa, e intensamente lúdica representada pelas brincadeiras infantis.

Entre essas brincadeiras podemos destacar os jogos cantados, brincadeiras de roda e brinquedos populares, que são atividades lúdicas, representativas, encobertas por uma simbologia e carregada de aspectos culturais de uma determinada região.

Jogos cantados, brincadeiras de rodas e brinquedos populares: estratégias para implementação

A Educação Física é muito rica, pois possui várias estratégias e um campo muito amplo para ser trabalhado dentro do contexto da Educação Especial. São diversas formas de aplicação como, jogos cantados dentre eles as brincadeiras de roda, brinquedos populares, aulas historiadas ou dramatizadas, e a dança, sendo que, esta última se aplica de várias maneiras.

Jogos cantados: esta forma de atividade deveria ser uma das mais aplicáveis à educação da criança em idade escolar, representando a forma mais

simples de jogo. A música tem grande importância para cada indivíduo. Sabe-se que crianças geradas com músicas têm traços de personalidade distintos, tais como a calma, a sensibilidade. Através da música muitas pessoas extravasam suas angústias e frustrações. Os jogos cantados se apresentam, então, como sendo uma legítima e natural expressão de uma infância alegre e feliz.

Há pouco tempo, os jogos cantados foram considerados como elementos de oportunidade para a educação da criança, mas Froebel (1972), foi o primeiro educador a entender que essa forma de atividade poderia contribuir para a educação justamente por fundir numa mesma atividade, o jogo e a música.

Dentro dos jogos cantados destacamos o chamado *Cancioneiro Folclórico Infantil*, que são cantigas que se perpetuam e se transmitem pela tradição oral passando de geração para geração.

Esse cancionário é um conjunto de cantigas entoadas pelos adultos quando pretendem adormecer, entreter ou instruir a criança e se constituem de:

Cantigas de ninar, cantigas avulsas: por meio das quais as crianças entoam em qualquer de suas atividades, sem que com elas tenham direta correlação.

Estrilhos musicais: que integram as histórias contadas e cantadas.

Toadas: que ajudam no ensino da soletração e da tabuada.

Os jogos cantados se dividem em: brincadeiras de roda; de grupos opostos; de fileira; de marcha; de palmas; de pegar; de esconder; de cabra cega.

Destes jogos, o que mais oferece atração para a criança são as brincadeiras de roda.

Há também as *chamadas para brincar*, e as *cantigas para selecionar jogadores*.

Para se trabalhar com brinquedos cantados, o professor tem que utilizar didática adequada, ou seja, saber escolher corretamente a atividade que se encaixará ao objetivo das aulas, ou seja: a letra, que deve ir ao encontro de uma diversão sadia, cuja aplicação seja justificável, a fim de se conseguir que as crianças,

brincando, fantasiem uma atividade, liberando energia em forma de brinquedo. Nessas atividades evita-se as incorreções de linguagem.

A letra do canto deve ser ensinada precedendo-a de uma pequena palestra com ela relacionada. A letra deve ser, enunciada com clareza e o seu conteúdo deve ser comentado. Dessa forma, a memorização da letra será mais fácil e sua apresentação será melhor e mais atraente. Havendo alguma palavra de difícil compreensão, deve-se explicá-la primeiro, para depois, mediante exercícios, obter clareza na sua dicção.

A melodia: deve-se escolher canções cuja extensão média de voz não seja ultrapassada. Devemos tomar cuidado com o limite de esforço permitido às vozes infantis.

Deve-se fazer a classe ouvir, algumas vezes, a nova melodia, cantada pelo professor. Em seguida, pedir à classe que a murmure a meia voz; assim junta-se a letra, visando a uma boa prosódia musical, que nada mais é do que a função do texto melódico e do poético. Deve-se iniciar o canto com suavidade, sem gritar, com entusiasmo e alegria.

Passado a aprendizagem destas duas fases, deve-se ensinar a criança um outro aspecto: a movimentação, ou seja, os tipos de formação e formas de locomoção. O professor deve explicar exemplificando, e a criança através de uma mímica natural, aprenderá facilmente.

Para o aprendizado dessa movimentação considera-se dois aspectos: 1) o que se refere às formulações e figuras decorrentes; 2) o que se refere à atividade envolvida.

Após aprendido esses três aspectos: letra, melodia e movimentação, torna-se necessário unificá-los, para uma realização total.

Sabendo que a maioria das rodas envolve atividades saudáveis, como a marcha, a corrida, não há contra indicações, e o que importa é selecioná-las, quanto ao esforço exigido, quanto à sua oportunidade de ser incluída nas séries de brinquedos que irá constituir o plano de aula, quanto às suas oportunidades educacionais.

Dentro do plano de aula, o professor deve tomar cuidados especiais para que as crianças continuem cantando com suavidade, sem exageros, mas também sem perder o entusiasmo natural.

Os países que possuem uma cultura avançada incluem nos seus programas de Educação Física e recreação os jogos cantados, pois o mesmo reflete a obediência e respeito às idéias, de tudo aquilo que empolga, pelo valor, a tradição e o sentido educacional que se pretende imprimir em um povo. Para que isso ocorra, o professor deve ter em mente que: 1) os jogos cantados precisam estar de acordo com o desenvolvimento físico e mental da criança; 2) é necessário partir do mais simples para o mais complexo; 3) o interesse pode ser mantido, utilizando-se brincadeiras atraentes, segundo opinião do grupo; 4) o jogo cantado deve corresponder ao grau de socialização do grupo; 5) nas atividades deve-se evitar a rotina e a monotonia.

O Brasil conta com um número apreciável de jogos e brinquedos que nos foram transmitidos por outras nações. Estes sofreram deturpações em muitas letras e músicas, e na própria movimentação, para serem contextualizados e incorporados ao nosso folclore. Qualquer mudança quando percebida pelo professor pode ser questionada, mas não deverá fazer correções, pois sua origem popular, sua transmissão oral, faz parte do próprio processo cultural e não nos compete como educadores, interferir no sentido de alterá-los.

O que se deve fazer é evitar ensinar às crianças letras de música ou jogos que tenham um caráter educativo duvidoso, já que existe uma variedade de atividades folclóricas ao nosso alcance com adequados e interessantes conteúdos sociais e morais.

O nosso folclore muito pode contribuir para a Educação Especial, pois a cultura popular brasileira é rica nesse aspecto. Utilizando os jogos cantados podemos visar o desenvolvimento global do aluno nas diversas esferas, cognitiva, sócio-afetivo e psicomotora.

Esses conteúdos, anteriormente descritos, nortearam a aplicação de atividades com jogos cantados desenvolvidos na classe de Educação Especial para deficientes físicos da Escola Estadual de Primeiro Grau Prof^a. Carmem Delfim.

No estudo original também fizemos uma análise psicológica sobre a atividade proposta.

Caminhos da implementação de jogos cantados.

O plano de implementação das atividades foi apresentado à diretora da escola e à professora da classe especial. Discutimos a intenção do projeto e o porque da escolha dessas propostas.

Constituíram em participantes deste trabalho 10 alunos, sendo seis meninas e 4 meninos, portadores de paralisia cerebral, com idade média de 11 anos, sendo um atáxico hemiplégico, quatro atetóides hemiplégicos, quatro hipotônicos (dois quadriplégicos e 2 hemiplégicos). O trabalho durou 30 dias e foi realizado em aulas com duração de 60 minutos, duas vezes por semana.

O objetivo era realizar uma intervenção com jogos cantados no sentido de promover o desenvolvimento sócio-afetivo nos alunos.

As atividades compunham-se de duas esferas: a primeira envolveu aspectos da afetividade e sexualidade, a segunda socialização e cooperação.

Na primeira esfera de atuação desenvolvemos as seguintes atividades:

Morena me dá sua mão: a atividade é feita formando duas colunas paralelas, uma de garotos e outra de garotas, cada uma com o seu respectivo par, que por ordem aleatória, estava na coluna ao lado. Ao começar a atividade, ambos realizam o movimento sugerido na música, e ao final trocam de par. Todos se relacionam com os demais alunos que participam da brincadeira;

Dominó: os alunos serão dispostos em dois círculos, um de garotas do lado de dentro da roda, e outro de garotos do lado de fora. O professor vai cantando a música e os alunos repetem a palavra dominó enquanto realizam as tarefas propostas pela música;

Pererê: o professor puxa a palavra de ordem *pererê* e realiza um movimento que é imitado pelos alunos. Esses movimentos são, num primeiro

momento, individuais, como tocar em seu próprio corpo (pé, cabeça, peito, ombro, cintura, joelhos, nádegas, nariz, etc.). E num segundo momento, tocar as mesmas partes, mas no corpo da outra pessoa participante da atividade;

O galo e a galinha: os alunos são dispostos em um círculo, onde o professor começa a cantar e os alunos acompanham batendo palmas e realizando a dança proposta. Esse jogo cantado trabalha o aspecto sexual do indivíduo, pois no caso o galo representa o menino e a galinha a menina. O galo vai para a festa de avental, que simboliza a veste feminina, brincando assim com a masculinidade do homem e a galinha vai à festa de avental típico de trabalho para o qual não se vai à festa. Então a feminilidade da galinha é afetada, pois a mesma gosta de ir à festa arrumada e não de avental.

Na segunda esfera de atuação, que envolveram aspectos da socialização e cooperação, foram desenvolvidas atividades tais como:

Chapéu da cor do céu: dispor os alunos em forma de um grande círculo, sendo que somente um integrante irá ficar no meio da roda com um chapéu na cabeça podendo passar a quem quiser. É uma atividade cantada e requer a dinâmica do grupo disposto;

Casa do Zé: dispor os alunos em grande círculo. O professor canta a música e procura realizar movimentos estranhos com o corpo para poder entrar na casa do Zé;

História da serpente: coloca-se o grupo em forma de círculo, o professor canta e escolhe as pessoas para fazer parte do rabo da serpente, e para isso é preciso passar por debaixo da perna dos componentes que já estão formando o rabo da serpente;

Choquinho: os alunos são colocados em forma de círculo com as mãos entrelaçadas, com os braços cruzados, dando a mão para os companheiros da direita e da esquerda, o professor que também está inserido na roda, começa realizar um movimento para baixo e para cima, simulando um choque que vai aumentando sua frequência. Os demais membros não podem soltar as mãos;

Boca de forno: os alunos estão dispersos e o professor puxa a brincadeira através de palmas e palavras de ordem e os alunos realizam movimentos tocando partes do corpo do companheiro;

Dança do chap-chap: os alunos são colocados em um círculo e o professor vai cantando a música e fazendo os movimentos. Os alunos vão dançando e imitando os passos do professor.

Considerações finais

Esses momentos, em que passei realizando esse trabalho, foram momentos muito ricos em minha vida profissional, emocional e afetiva, não tem como deixarmos de nos envolver afetivamente e emocionalmente com nossos alunos deficientes nessa perspectiva de Educação Especial.

Foram momentos deliciosos onde podemos dar e receber carinho, afeto, de uma maneira alegre dinâmica e criativa. Nessa visão concluo que atividades como os jogos cantados com um fim afetivo enriquecem não só o currículo do aluno, mas também o do professor, que está cansado de trabalhar numa visão fechada, sem liberdade na qual ele também foi condicionado a realizar com seus alunos. Atividades como essas deveriam ser constantes na escola, buscando fortalecer os elos de amizade entre a comunidade escolar, e podendo ser sendo utilizadas como meio para inclusão e como forma para conscientizar o deficiente no seu papel de cidadão que, apesar de estar inserido em uma sociedade segregacionista, pode ser transformada em algo mais humano e sensível ultrapassando as diversas diferenças de seus membros.

Referências Bibliográficas

- CODO, W. *O que é corpolatria?* São Paulo: Brasiliense, 1992.
- FREUD, A. *Psicanálise para pedagogos*. São Paulo: Martins Fontes, 1974.
- _____. Conferência 34: explicações, aplicações e orientações. In: FREUD, S. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- SIMON, M. *Para compreender a sexualidade hoje*. Lisboa: Moraes, 1976.